

GERENCIAMENTO DE RESULTADOS EM BANCOS: INDÍCIOS RELACIONADOS À AVERSÃO À DIVULGAÇÃO DE PREJUÍZOS¹

EARNINGS MANAGEMENT IN BANKS: INDICATIONS RELATED TO THE AVERSION TO DISCLOSE LOSSES

Lorena Oliveira de Sousa²

Graduação em Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Minas Gerais

lorenasousa93@gmail.com

orcid.org/0000-0002-7881-6179

Valéria Gama Fully Bressan

Pós-Doutorado em Economia Aplicada pela Universidade Federal de Viçosa

Professora da Universidade Federal de Minas Gerais

vfully@face.ufmg.br

orcid.org/0000-0001-6340-9717

RESUMO

Objetivo: Analisar a existência ou não de indícios de que os bancos brasileiros de pequeno e de grande porte se utilizaram do gerenciamento de resultados para evitar a divulgação de prejuízos no período de 2008 a 2015.

Fundamento: Neste trabalho, a discussão sobre o gerenciamento de resultados no setor bancário para evitar a divulgação de prejuízos referendou-se nos estudos de Burgstahler e Dichev (1997), Shen e Chih (2005), Goulart (2007) e Bornemann et al. (2012).

Método: As instituições pesquisadas foram os bancos comerciais, bancos múltiplos com carteira comercial e caixas econômicas. Utilizaram-se os dados constantes dos balancetes de junho e dezembro de cada ano do período de análise, extraídos do site do Banco Central do Brasil. A metodologia utilizada foi a análise de frequência em histogramas.

Resultados: Os resultados indicaram indícios de gerenciamento de resultados para evitar a divulgação de prejuízos nos bancos de pequeno porte em ambos os semestres do período analisado, mas não nos bancos de grande porte.

Contribuições: Os achados deste estudo contribuem para a discussão sobre gerenciamento de resultados no setor bancário brasileiro, ao fornecerem indícios até então escassos sobre a utilização ou não da estratégia de evitar a divulgação de prejuízos; e aos usuários das informações contábeis um alerta sobre a percepção de risco nos bancos, em especial os de pequeno porte, uma vez que estes podem minimizar a divulgação de prejuízos com base na estratégia de gerenciamento de resultados.

Palavras-chave: Gerenciamento de resultados. Divulgação de prejuízos. Bancos. Instituições Financeiras.

¹ Artigo recebido em: 14/05/2017. Revisado por pares em: 25/07/2017. Reformulado em: 25/09/2017. Recomendado para publicação em: 21/10/2017 por Dimas Barreto de Queiroz (Editor Adjunto). Publicado em: 26/12/2017. Organização responsável pelo periódico: UFPB.

² Endereço: Av. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha, Belo Horizonte - MG, 31270-901.

DOI: <http://dx.doi.org/10.18405/recfin20180105>

ABSTRACT

Objective: To analyze if there are indications that small and large Brazilian banks used earnings management to avoid the disclosure of losses from 2008 to 2015.

Background: The discussion of earnings management in the banking sector to avoid the disclosure of losses, in this paper, was based on the studies by Burgstahler and Dichev (1997), Shen and Chih (2005), Goulart (2007) and Bornemann et al. (2012).

Method: The institutions surveyed were commercial banks, multiple banks with commercial portfolios and savings banks. The data included balance sheets of June and December of each year of the analysis period, and were extracted from the website of the Central Bank of Brazil. The methodology employed was the frequency analysis with histograms.

Results: The results showed indication of earnings management to prevent the disclosure of losses in small banks in both semesters of the analyzed period. With regard to large banks, however, the results showed no indication of earnings management to prevent disclosing losses.

Contributions: The research findings contribute to the discussion about earnings management in the Brazilian banking sector by providing evidences, which so far are scarce, on whether or not banks are using this strategy to avoid the disclosure of losses. In addition, they provide an alert to the users of accounting information regarding the perception of risk in banks, especially in the small ones, since these can minimize the disclosure of losses with the strategy of earnings management.

Keywords: Earnings management. Disclosure of losses. Banks. Financial Institutions.

1 INTRODUÇÃO

As instituições financeiras realizam atividades que são essenciais ao desenvolvimento econômico de um país, podendo-se citar, em especial, aquelas relacionadas à intermediação financeira. Esta apenas ocorrerá se houver confiança das pessoas na solidez das instituições integrantes do sistema financeiro. Uma das bases para essa solidez consiste na transparência perante o mercado de capitais, os investidores e o público em geral (Dantas, Rodrigues, Rodrigues & Capelletto, 2010). A transparência requer a divulgação de informações que representem de maneira fidedigna a situação patrimonial e financeira das entidades, bem como os aspectos relacionados aos resultados obtidos e à administração organizacional, incluindo questões relativas aos controles internos e à gestão de risco (Goulart, 2007).

As demonstrações financeiras são o principal recurso por meio do qual as entidades divulgam suas informações. O processo de elaboração dessas demonstrações envolve diversas estimativas e julgamentos dos gestores e dos profissionais da empresa no que diz respeito à interpretação dos acontecimentos, às transações e à escolha das práticas contábeis a serem adotadas (Bressan, Santos & Bressan, 2015).

Segundo Bornemann, Kick, Memmel e Pfungsten (2012), os gestores dos bancos podem utilizar-se dessa discricionariedade na elaboração das demonstrações para gerenciar o resultado apresentado. Dentre as alternativas permitidas pela legislação, os gestores podem selecionar aquelas que não retratam fidedignamente a realidade econômico-financeira da empresa, mas que atendem a certos interesses e conveniências particulares (Fuji & Carvalho, 2005).

Goulart (2007) ressalta que o sucesso de uma instituição financeira depende de uma percepção de risco favorável por parte do mercado, incluindo os agentes superavitários que dispõem de recursos para aplicação. A divulgação de prejuízos pode comprometer a confiança do público e a imagem de solidez financeira do banco, levando os investidores e clientes a realocarem seus recursos em outra instituição ou a exigirem maiores taxas de retorno mais altas, devido ao aumento do risco percebido. Diante dessa realidade, o autor considera a hipótese de que as instituições financeiras empregam práticas para evitar a divulgação de prejuízos. Entretanto, o uso deste tipo de gerenciamento pelos bancos brasileiros não tem sido investigado com frequência.

Na literatura nacional, constata-se considerável número de trabalhos que buscam identificar a utilização de *accruals* específicos para o gerenciamento de resultados no setor bancário e a ocorrência de gerenciamento do tipo suavização de resultados (Dantas, Galdi, Capelletto, & Medeiros, 2013, Dantas, Medeiros, Galdi & Costa, 2013, Fuji & Carvalho, 2005, Goulart, 2007, Macedo & Kelly, 2016, Zendersky, 2005). Na literatura internacional, verificou-se apenas a pesquisa desenvolvida por Shen e Chih (2005), que investigou o gerenciamento de resultados para evitar a divulgação de prejuízos, no período de 1993 a 1999, considerando os bancos brasileiros em sua amostra.

Buscou-se complementar essa lacuna, para analisar se existem indícios de que os bancos brasileiros utilizaram o gerenciamento de resultados para evitar a divulgação de prejuízos entre 2008 e 2015, período marcado pela instabilidade econômica nos âmbitos mundial nacional, em que ocorreram crises que impactaram os diversos setores, em maior ou menor profundidade. Em tal contexto, a utilização do gerenciamento de resultados para evitar a divulgação de prejuízos pode tornar-se ainda mais interessante, uma vez que o desempenho das entidades, em geral, tende a declinar em períodos de crise.

Além da especificidade dos períodos analisados, esta pesquisa diferencia-se da desenvolvida por Shen e Chih (2005) por investigar o gerenciamento de resultados para evitar a divulgação de prejuízos nos bancos de pequeno e de grande porte separadamente. Os estudos realizados por Dantas, Galdi et al. (2013) e Dantas, Medeiros et al. (2013) demonstraram diferenças nas práticas de gerenciamento do tipo suavização de resultados, respectivamente, com o uso de derivativos e títulos e valores mobiliários, em decorrência do porte dos bancos. Esta pesquisa tem por objetivo verificar se essa diferença baseada no porte das instituições financeiras também ocorre no caso do gerenciamento para evitar a divulgação de prejuízos. Visando a atender a este objetivo, adotou-se a metodologia de distribuição de frequências em histograma, tal como propõem Burgstahler e Dichev (1997), autores que associaram a descontinuidade na distribuição de frequência dos resultados na região do lucro zero à prática de gerenciamento de resultados para evitar a divulgação de prejuízos.

A investigação da utilização ou não dessa modalidade de gerenciamento pelos bancos brasileiros mostra-se relevante, especialmente porque muitos investidores e clientes das instituições bancárias não dispõem de recursos ou de conhecimentos necessários para avaliar com profundidade a situação patrimonial e financeira da companhia na qual estão alocando seus recursos. A figura do lucro/prejuízo acaba servindo como parâmetro para avaliar a instituição (Burgstahler & Dichev, 1997). Caso esse resultado tenha sido gerenciado e os usuários não sejam capazes de identificar o efeito desse gerenciamento, sua interpretação sobre o desempenho da entidade pode ser equivocada (Sincerre, Sampaio, Famá & Santos, 2016). Logo, é importante que investidores e clientes saibam reconhecer se existem indícios de gerenciamento de resultado para evitar divulgar prejuízos no setor bancário. Caso se comprove essa hipótese, seria necessário analisar com mais cuidado cada instituição no processo de alocação de recursos e determinação da taxa de retorno exigida nas aplicações.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Gerenciamento de Resultados e o Setor Bancário

O gerenciamento de resultados pode ser entendido como a utilização da discricionariedade por parte de gestores e contadores ao realizarem escolhas contábeis (reconhecimento e mensuração), ao tomarem decisões operacionais e ao selecionarem critérios de apresentação da demonstração de resultados, tudo dentro dos limites permitidos pela legislação (Martinez, 2013).

Conforme apontam Healy e Wahlen (1999), os gestores podem utilizar sua discricionariedade tanto para ludibriar os *stakeholders* a respeito da real situação econômico-financeira da firma como para escolher métodos e estimativas que representem mais adequadamente a realidade da empresa, buscando, até mesmo, tornar públicas informações que de outra forma permaneceriam restritas aos gestores da entidade. No primeiro caso, tem-se um gerenciamento de resultados na

perspectiva do lucro econômico, considerando o comportamento oportunista dos gestores; e, no segundo caso, na perspectiva informacional, na qual o gerenciamento é utilizado para elevar o valor das informações reportadas a respeito da empresa (Baptista, 2009). Dechow e Skinner (2000) afirmam que na prática nem sempre é fácil distinguir uma modalidade de gerenciamento da outra. Fuji e Carvalho (2005) ressaltam, ainda, a existência de uma linha muito tênue entre o gerenciamento de resultados e a prática de fraudes, sendo que em casos extremos o gerenciamento de resultados pode constituir-se em um ambiente propício à ocorrência de fraudes.

A princípio, segundo Xavier (2007), seria razoável supor que as demonstrações contábeis das instituições financeiras são muito menos suscetíveis a variações em seus valores em decorrência de escolhas discricionárias de critérios de mensuração, uma vez que elas devem seguir um plano de contas e critérios de contabilização muito mais detalhado do que outros setores da economia, tais como, o industrial e o comercial. No entanto, o autor aponta que não é isso que se verifica na prática, sob a alegação de que, diferentemente das empresas industriais e comerciais, que têm parte significativa de seu ativo constituída por bens tangíveis, as instituições financeiras têm como principal ativo os direitos de crédito, cujos valores podem apresentar sensíveis variações conforme os critérios de mensuração adotados. Diante deste cenário e considerando a importância das instituições financeiras para a economia de um país, ressalta-se a relevância do estudo do gerenciamento neste setor.

Dentre as pesquisas desenvolvidas no Brasil, a primeira a focalizar o gerenciamento no setor bancário, a qual se pôde consultar na íntegra foi a de Zendersky (2005). Posteriormente, foram desenvolvidos outros importantes trabalhos a respeito do setor bancário brasileiro, tais como: Fuji e Carvalho (2005), Xavier (2007), Goulart (2007), Dantas, Galdi et al. (2013), Dantas, Medeiros et al. (2013) e Macedo e Kelly (2016). A maior parte dessas pesquisas centrou-se na análise de *accruals* específicos, tais como, provisão para créditos de liquidação duvidosa, títulos e valores mobiliários e derivativos.

Dantas, Galdi et al. (2013), ao pesquisarem a discricionariedade na mensuração de derivativos como mecanismo de gerenciamento de resultados em bancos, verificaram que as instituições bancárias utilizam essa discricionariedade para promover o alisamento de resultados, sendo esta prática mais comum entre os bancos de menor porte. Dantas, Medeiros et al. (2013) também observaram que a prática de promover o alisamento de resultados utilizando-se dos resultados com títulos e valores mobiliários era mais comum entre as instituições bancárias de menor porte.

A literatura sugere algumas explicações para a menor verificação de gerenciamento de resultados nos bancos de grande porte. Segundo Dantas, Galdi et al. (2013), tais resultados estão de acordo com a premissa de que o padrão de governança das instituições de maior porte garantiria informações contábeis menos sujeitas a manipulação por parte dos administradores. Cornett, McNutt e Tehranian (2009) ressaltam que o monitoramento por parte dos analistas de mercado tende a ser maior sobre as instituições de grande porte, o que desencorajaria a utilização de práticas de gerenciamento de resultados. Os autores também consideram que, uma vez que os reguladores são responsáveis por manter a segurança e a solidez de todo o sistema bancário, é provável que exista alguma tendência de acompanhamento mais de perto dos bancos de maior porte, tendo em vista que os problemas que neles ocorrem têm o potencial de impactar não só a indústria bancária, mas também a economia como um todo. Assim, as instituições de grande porte, ao terem sua performance monitorada constantemente pelos analistas e reguladores, teriam menor propensão a inflar artificialmente os seus lucros por meio do gerenciamento de resultados.

Martinez (2001) afirma que o gerenciamento de resultados contábeis pode ter várias modalidades, sobressaindo: *target earnings*, *income smoothing* e *big bath accounting*. Na literatura brasileira sobre gerenciamento de resultados no setor bancário, a que tem recebido a maior atenção é *income smoothing*, ou suavização de resultados. O gerenciamento do tipo *target earnings*, utilizado especialmente para evitar a divulgação de prejuízos, não tem recebido a mesma atenção, apesar de ser uma

motivação para o gerenciamento consolidada na literatura (Martinez, 2013). Este tipo de gerenciamento busca transformar pequenos prejuízos em pequenos lucros, com base em escolhas contábeis em matérias nas quais os princípios e as normas contábeis facultam certa discricionariedade aos gestores e contadores.

Os incentivos para a utilização desta modalidade de gerenciamento advêm do fato de que o mercado interpreta a divulgação de um prejuízo de forma desproporcionalmente negativa, reagindo mais favoravelmente à apresentação de um lucro, ainda que pequeno (Goulart, 2007). Além disso, em uma perspectiva macroeconômica, a divulgação de prejuízos pode levantar questionamentos a respeito da solidez da instituição financeira, o que pode aumentar a demanda por regulamentação por parte do público, restringindo a discricionariedade dos gestores na elaboração das demonstrações. Já em uma perspectiva microeconômica, a divulgação de prejuízos pode fazer com que os donos ou os acionistas queiram participar de maneira mais ativa da administração do banco, o que também restringiria a liberdade dos gestores no processo de tomada de decisões (Bornemann et al., 2012).

Soma-se a esses fatores o possível aumento dos custos de captação dos bancos em decorrência da divulgação de prejuízos, uma vez que os poupadores podem passar a exigir taxa de juros mais alta para suas aplicações, tendo em vista o conteúdo informacional negativo das perdas (Goulart, 2007). Verifica-se, portanto, que existem incentivos para que os gestores dos bancos utilizem o gerenciamento de resultados para evitar a divulgação de prejuízos. Entretanto, são escassas as pesquisas que visam testar essa hipótese no contexto brasileiro.

2.2 Utilização da Técnica de Distribuição de Frequência em Histograma para Análise de Gerenciamento

A distribuição de frequências (histograma) é uma das três classes de procedimentos metodológicos que podem ser identificadas nos estudos empíricos sobre gerenciamento de resultados (Goulart, 2007). Tal procedimento metodológico foi proposto por Burgstahler e Dichev (1997), os quais realizaram um estudo cujo objetivo foi verificar a ocorrência de gerenciamento de resultados para evitar a divulgação de prejuízos ou quedas nos lucros em uma amostra de empresas norte-americanas.

Burgstahler e Dichev (1997) observaram que a distribuição de lucros dessas empresas apresentava o formato de um sino, com um único pico, sendo relativamente suave em toda a sua extensão, com exceção da área próxima ao lucro zero. Nesta região, os lucros ligeiramente inferiores a zero eram menos frequentes do que o esperado, considerando a suavidade do restante da distribuição, e os lucros ligeiramente superiores a zero eram mais frequentes do que o esperado. Tal situação foi considerada pelos autores como um indício de gerenciamento de resultados para evitar a divulgação de prejuízos.

Esse procedimento metodológico foi adaptado para o setor bancário por Shen e Chih (2005), que realizaram um estudo que buscou identificar se os bancos de diferentes países gerenciavam seus resultados. A amostra utilizada era composta de dados referentes a bancos de 48 países (incluindo o Brasil), no período de 1993 a 1999. Os achados apontaram que os bancos, em mais de dois terços dos países pesquisados, gerenciavam seus resultados. No caso do Brasil, os autores comprovaram a hipótese de gerenciamento de resultados para evitar a divulgação de prejuízos.

Internacionalmente, outros autores também utilizaram a distribuição de frequências para analisar o gerenciamento de resultados em bancos. Bornemann et al. (2012) empregaram este procedimento para analisar o gerenciamento de resultados em bancos alemães por meio de *hidden reserves*, que podem ser entendidas como reservas ocultas, representadas por subavaliação dos valores do balanço patrimonial. Beatty, Ke e Petroni (2002) utilizaram a distribuição de frequências como umas

das técnicas para verificar se bancos que tinham suas ações negociadas em bolsa seriam mais propensos a gerenciar seu resultado para evitar quedas nos lucros do que bancos que não possuíam ações negociadas na bolsa.

No Brasil, esse procedimento metodológico tem sido utilizado por uma série de pesquisadores em suas investigações sobre gerenciamento de resultados. Dentre os autores que o utilizaram, isoladamente ou em conjunto com outro procedimento, citam-se: Martinez (2001), Cardoso (2005), Paulo, Lima e Lima (2006), Decourt, Martinewski e Pietro Neto (2007), Galdi e Pereira (2007), Baptista (2008), Cupertino e Martinez (2008), Maia, Bressan, Lamounier e Braga (2013), Piccoli, Souza e Silva (2014), Bressan, Santos et al. (2015) e Bressan, Bressan e Silva (2015).

Dentre os estudos elencados, apenas o trabalho de Galdi e Pereira (2007) focou especificadamente no setor bancário brasileiro. Os autores buscaram identificar se os conglomerados financeiros brasileiros utilizaram a contabilização de derivativos com base no valor justo para gerenciar seus resultados entre 2002 e 2004. A distribuição de frequências foi utilizada apenas para ajudar a entender o comportamento das variáveis e identificar padrões a serem testados empiricamente.

Constatou-se, portanto, que apenas o trabalho de Shen e Chih (2005) utilizou o procedimento metodológico de distribuição de frequências com um objetivo semelhante ao deste estudo para o contexto brasileiro. Vale ressaltar, todavia, que os trabalhos compreendem períodos e amostras diferentes. Dessa forma, é importante analisar se existem indícios da utilização deste tipo de gerenciamento pelos bancos no Brasil entre 2008 e 2015. Tais evidências podem auxiliar os usuários das demonstrações contábeis dos bancos brasileiros em suas análises, bem como os reguladores na edição de suas normas e diretrizes.

3 METODOLOGIA

3.1 Amostra e Fonte de Dados

Inicialmente, foram consideradas para a composição da amostra todas as instituições financeiras pertencentes ao macrosegmento Bancário I (b1), totalizando 97 instituições bancárias, conforme relatório disponível na base IF.data do site do Banco Central do Brasil, com data base de dezembro de 2015. Este macrosegmento é composto pelos bancos comerciais, bancos múltiplos com carteira comercial e caixas econômicas, categorias de classificação das instituições financeiras definidas no site do Banco Central do Brasil (2017).

Após a exclusão de 24 instituições, por não possuírem os dados necessários disponíveis para todo o período da amostra, os bancos foram classificados em quartis do valor do “total dos ativos”. Caso todos os bancos fossem estudados conjuntamente, a significativa diferença em seus tamanhos e estruturas poderia comprometer os resultados e a análise. Além disso, os resultados encontrados por Dantas, Galdi et al. (2013) e Dantas, Medeiros et al. (2013) demonstraram diferenças nas práticas de gerenciamento de resultados com o uso de derivativos e títulos e valores mobiliários, em decorrência do porte das instituições bancárias brasileiras, o que reforça a importância de que essas instituições sejam analisadas separadamente, para que se verifique se essa diferença também existe em relação à estratégia de evitar a divulgação de prejuízos.

A amostra final foi composta por dois grupos, os quais foram analisados separadamente (Quadro 1). O primeiro grupo é constituído pelas instituições que permaneceram no primeiro quartil entre 2008 e 2015. No total, 15 bancos compõem este grupo, doravante denominado “Bancos de pequeno porte”, visto que o montante do ativo total desses bancos corresponde a 0,09% do total do macrosegmento Bancário I. Este grupo compõe-se de 14 instituições independentes e apenas 1 conglomerado, sendo que 10 são instituições privadas nacionais e 5 são instituições privadas com controle estrangeiro. O segundo grupo é constituído pelas instituições que permaneceram no quarto quartil entre 2008 e 2015. No total, 14 bancos compõem este grupo, doravante denominado “Bancos de grande porte”, uma vez que o ativo total dessas instituições em conjunto corresponde a 92,19%

do total do macrosssegmento Bancário I. Este grupo compõe-se de 12 conglomerados e 2 instituições independentes, das quais 4 são bancos de controle público, 5 são bancos privados nacionais e 5 são bancos privados com controle estrangeiro. Os dados necessários para a realização do estudo foram extraídos do site do Banco Central do Brasil. Utilizaram-se os dados constantes nos Balancetes dos meses de junho e dezembro de cada ano do período de análise.

Quadro 1 – Composição da amostra final

<i>Bancos de pequeno porte – 1º quartil</i>	<i>Bancos de grande porte – 4º quartil</i>
Banco Arbi S.A.	Banco do Brasil
Banco Capital S.A.	Banco do Nordeste do Brasil S.A.
Banco A. J. Renner S.A.	Banrisul
Banco Cédula S.A.	Bradesco
Banco Ficsa S.A.	BTG Pactual
Banco Keb Hana do Brasil S.A.	Caixa Econômica Federal
Banco La Nación Argentina	Citibank
Banco Luso Brasileiro S.A.	Credit Suisse
Banco Pottencial S.A.	Deutsche
Banco Rep. Oriental Uruguay	HSBC
Banco Ribeirão Preto S.A.	Itaú
Banco Semear	Safra
BPN Brasil	Santander
Máxima	Votorantim
Novo Banco Continental S.A.	

Fonte: Dados da pesquisa

3.2 Descrição da Variável

A variável de interesse é o resultado auferido pelas instituições financeiras vinculadas à amostra nos balancetes de junho e dezembro do período de 2008 a 2015, conforme equação I. Com o objetivo de eliminar o efeito tamanho, como propõem Burgstahler e Dichev (1997), Martinez (2001) e Bressan, Bressan et al. (2015), os resultados de cada semestre foram ponderados pelo total das operações de crédito. O resultado ponderado pode ser calculado a partir das seguintes contas do Plano Contábil das Instituições Financeiras do Sistema Financeiro Nacional (COSIF):

$$\frac{\text{Resultado}}{\text{Operações de Crédito}} = \frac{(7.0.0.00.00-9)+(8.0.0.00.00-6)}{(1.6.0.00.00-1)} \quad (\text{I})$$

Em que:

7.0.0.00.00-9 = Contas de resultados credoras;

8.0.0.00.00-6 = Contas de resultados devedoras; e

1.6.0.00.00-1 = Operações de Crédito.

As contas devedoras, por representarem, resumidamente, os custos e as despesas das instituições financeiras, já possuem valor com sinal negativo. Por isso, elas são somadas às contas credoras que, em termos simplificados, correspondem às receitas das instituições financeiras, para cálculo do resultado.

3.3 Modelo

Com o objetivo de investigar se os bancos brasileiros adotaram a estratégia de evitar a divulgação de prejuízos, que é uma prática de gerenciamento de resultados, durante o período de 2008 a 2015, aplicou-se a metodologia de distribuição de frequências proposta por Burgstahler e Dichev (1997). Estes autores associaram a descontinuidade na distribuição de frequência dos resultados na região de lucro zero à prática de gerenciamento de resultados para evitar a divulgação de prejuízos.

Burgstahler e Dichev (1997) apontam que na ausência de gerenciamento o esperado seria uma distribuição dos resultados com um formato semelhante à distribuição normal, sem descontinuidades relevantes, de modo que o número de observações em qualquer intervalo do histograma fosse igual à média do número de observações dos dois intervalos imediatamente adjacentes. Na presença do gerenciamento de resultados para evitar a divulgação de prejuízos, de outro lado, a distribuição dos lucros apresentaria uma descontinuidade na região de lucro zero. Caso uma empresa registrasse pequeno prejuízo em determinado período, ela poderia utilizar práticas de gerenciamento de resultados, por exemplo, aumento de receitas e/ou redução de despesas, para rever este pequeno prejuízo e apresentar pequeno lucro (Gourlart, 2007). Dessa forma, observações que originalmente se localizariam nas faixas de resultados negativos próximas de zero, com o gerenciamento de resultados passariam a se localizar nas faixas de resultados positivos próximas de zero, causando a descontinuidade na distribuição de frequência. Assim, a frequência de pequenos prejuízos ficaria menor do que a esperada e a frequência de pequenos lucros ficaria maior do que a esperada, considerando uma distribuição semelhante à normal, configurando o que a literatura chama de comportamento “anormal” em torno de zero.

Para atender ao objetivo deste estudo, foram construídos histogramas de distribuição de frequência dos resultados/operações de crédito auferidos pelos bancos de pequeno e de grande porte no primeiro e no segundo semestre do período de 2008 a 2015. Tal procedimento permitiu verificar se existem indícios de que os bancos gerenciaram seus resultados para evitar a divulgação de prejuízos em cada um dos semestres. Considerando a hipótese de pesquisa de que os bancos brasileiros utilizam a estratégia de evitar a divulgação de prejuízos, espera-se uma descontinuidade na distribuição desses histogramas.

Para a construção dos histogramas, um aspecto importante a ser observado é a determinação do número de classes a ser utilizado, uma vez que, segundo Levine, Berenson e Stephan (2000), se o número de classes for muito reduzido, os dados ficam muito concentrados, o que compromete a significância do histograma. De outro lado, se o número de classes for muito grande, a concentração de dados é insuficiente e pouco pode ser apreendido a partir do histograma. Dessa forma, optou-se por utilizar o procedimento sugerido por Freedman e Diaconis (1981), apresentado a seguir, para determinar a amplitude de classe. Com base na amplitude de classe e considerando a amplitude amostral, obteve-se o número de classes a ser utilizado para representar os dados da amostra.

$$\text{Amplitude de classe} = \frac{2(IQ)_1}{(n)^{\frac{1}{3}}} \quad (II)$$

Em que:

IQ = Inter-quartil; e

n = número de elementos da amostra.

Detalhando, os valores obtidos para os bancos de pequeno e os de grande porte em cada um dos semestres para a amplitude de classe podem ser observados no Quadro 2. Conforme se verifica, a amplitude de classe dos bancos de pequeno porte é maior do que a dos bancos de grande porte em ambos os semestres. Isso decorre da maior diferença entre os resultados de mínimo e de máximo dos dados destes bancos, resultando em um valor mais elevado de interquartil. Considerando um

arredondamento para o número mais próximo na segunda casa decimal, os valores das amplitudes de classe do histograma foram iguais nos dois semestres, quando se compara cada um dos grupos separadamente.

Quadro 2 – Amplitude de classe definidas conforme o critério de Freedman e Diaconis (1981)

Porte do banco - Semestre	Amplitude de classe do histograma
Bancos de pequeno Porte - 1º semestre	0,03
Bancos de pequeno porte - 2º semestre	0,03
Bancos de grande porte - 1º semestre	0,01
Bancos de grande porte - 2º semestre	0,01

Fonte: Dados da pesquisa

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

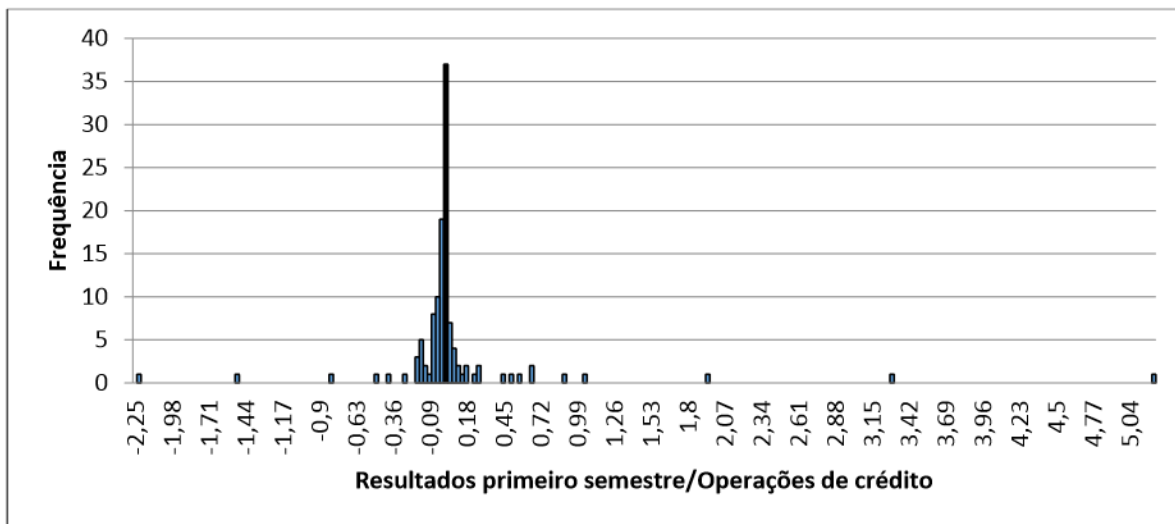
4.1 Bancos de Pequeno Porte

Com base na análise de frequência em histogramas, busca-se inferir se existem ou não indícios de que os bancos que compõem a amostra praticaram o gerenciamento de resultados para evitar a apresentação de prejuízos no período de 2008 a 2015. A existência de maior número de resultados pequenos, próximos de zero, porém positivos, em comparação com resultados pequenos, porém negativos, é considerada indício de gerenciamento de resultados (Burgstahler & Dichev, 1997).

Considerando os dados referentes ao primeiro semestre de cada ano do período de análise relativos aos bancos de pequeno porte, observa-se significativa variação na distribuição de frequência dos resultados sobre operações de crédito na faixa imediatamente superior a zero (destacada na cor preta na Figura 1), uma vez que nesta faixa, que abrange os resultados de 0,00 a 0,03, concentram-se 30,38% das frequências no histograma (Figura 1). O número de observações nesta faixa é quase o dobro do número de observações da faixa de -0,03 a 0,00, que concentra 15,83% das frequências no histograma. Essa diferença não era esperada, considerando que, com exceção dessas duas faixas, verifica-se maior número de observações nas faixas negativas do que nas faixas positivas do restante da distribuição (Figura 1 e Tabela 1). Logo, percebe-se que a distribuição de frequência dos resultados do primeiro semestre sobre operações de crédito dos bancos de pequeno porte apresentou comportamento “anormal” em torno de zero. Ou seja, tendo em vista o comportamento do restante da distribuição, o comportamento na região do lucro zero destoava do esperado.

Conforme Burgstahler e Dichev (1997), na ausência de gerenciamento de resultados, o esperado seria que o número de observações em qualquer uma das faixas fosse igual à média do número de observações das duas faixas imediatamente adjacentes. Desta forma, esperavam-se em torno de 13 observações na faixa de 0,00 a 0,03, valor significativamente diferente do verificado na realidade (Tabela 1). Além disso, o resultado do teste não paramétrico de χ^2 para diferença de mediana entre as observações da faixa de 0,00 a 0,03 e da faixa de -0,03 a 0,00 obteve o valor P de 0,000. Isso permite concluir que o comportamento das observações delas não é igual, de modo que a diferença entre as alturas das barras é significativa. Assim, é possível concluir que a Figura 1, na faixa destacada na cor preta, fornece indícios de que os bancos de pequeno porte gerenciaram seus resultados para evitar a divulgação de prejuízos no primeiro semestre do período de 2008 a 2015.

Figura 1 - Distribuição de frequência dos resultados dividido pelo volume de operações de crédito, do primeiro semestre dos bancos de pequeno porte (1º quartil) no período de 2008 a 2015.



Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 1 - Faixas dos resultados do primeiro semestre/operações de crédito dos bancos de pequeno porte (1º quartil) no período de 2008 a 2015.

Faixa dos resultados do primeiro semestre/operações de crédito	Número de observações	Percentual	Percentual acumulado
Inferior a -0,09	17	14,17	14,17
Superior ou igual a -0,09, porém inferior a -0,06.	8	6,67	20,83
Superior ou igual a -0,06, porém inferior a -0,03.	10	8,33	29,17
Superior ou igual a -0,03, porém inferior a 0,00.	19	15,83	45,00
Superior ou igual a 0,00, porém inferior a 0,03.	37	30,83	75,83
Superior ou igual a 0,03, porém inferior a 0,06.	7	5,83	81,67
Superior ou igual a 0,06 porém inferior a 0,09.	4	3,33	85,00
Superior ou igual a 0,09.	18	15,00	100,00
Total	120		

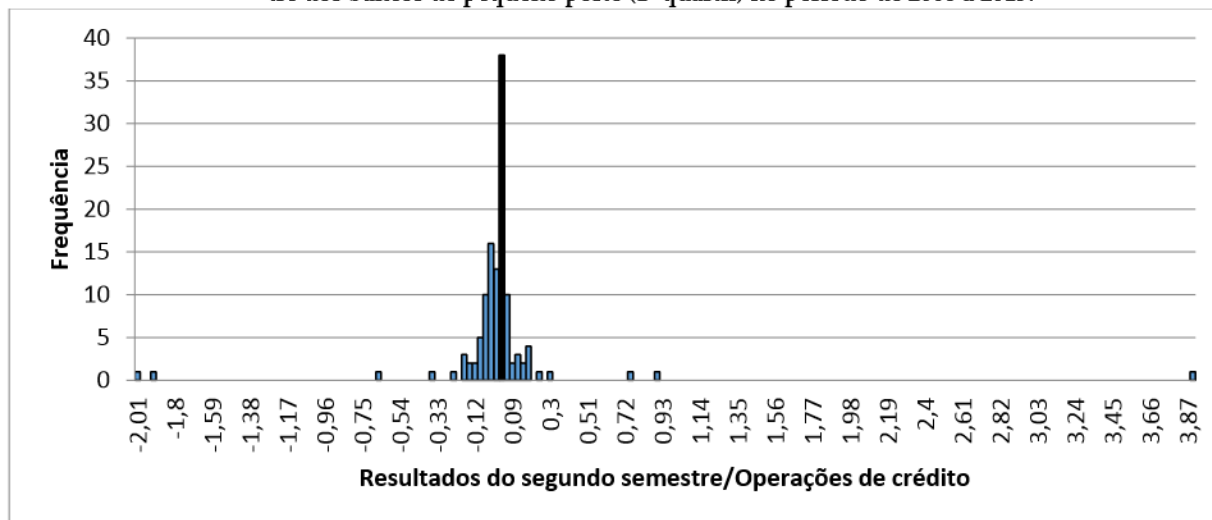
Fonte: Dados da pesquisa

Considerando os resultados/operações de crédito dos bancos de pequeno porte relativos ao segundo semestre do período analisado, verifica-se que, novamente, a variação na distribuição de frequência na faixa de 0,00 a 0,03 (destacada na cor preta na Figura 2) é significativa, de modo que ela concentra 31,67% do total das observações (Figura 2). Na faixa imediatamente adjacente à esquerda, que comporta os resultados de -0,03 a 0,00, localizam-se 10,83% das observações, enquanto na faixa imediatamente adjacente à direita, que comporta os resultados de 0,03 a 0,06, localizam-se 8,33% das observações (Figura 2 e Tabela 2). Logo, a concentração de resultados na faixa de 0,00 a 0,03 difere consideravelmente do esperado, tendo em vista o restante da distribuição. Há uma descontinuidade na região do lucro zero, apontada na literatura como indício de gerenciamento de resultados para evitar a divulgação de prejuízos.

Assim como no primeiro semestre, o resultado do teste não paramétrico de χ^2 para diferença de mediana também apresentou valor P de 0,000, indicando que a diferença entre as alturas das barras é significativa. Além disso, o número de ocorrências na faixa imediatamente superior a zero (de 0,00 a 0,03) difere consideravelmente da média do número de observações das duas faixas adjacentes. O esperado, considerando a pressuposição de Burgstahler e Dichev (1997), seria que em torno de 11,5 observações se localizassem na primeira faixa de resultados positivos. No entanto, observaram-se 38 ocorrências nesta mesma faixa (Tabela 2). Esse pico pode ser considerado um indício de

gerenciamento de resultados para evitar a divulgação de prejuízos, uma vez que demonstra um comportamento “anormal” em torno de zero, significativamente divergente do restante da distribuição. Com exceção desta faixa, o restante das observações concentra-se mais no lado dos resultados negativos (Figura 2).

Figura 2 - Distribuição de frequência dos resultados dividido pelo volume de operações de crédito do segundo semestre dos bancos de pequeno porte (1º quartil) no período de 2008 a 2015.



Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 2 - Faixas dos resultados do segundo semestre/operações de crédito dos bancos de pequeno porte (1º quartil) no período de 2008 a 2015.

Faixa dos resultados do segundo semestre/operações de crédito	Número de observações	Percentual	Percentual acumulado
Inferior a -0,09	17	14,17	14,17
Superior ou igual a -0,09, porém inferior a -0,06.	10	8,33	22,50
Superior ou igual a -0,06, porém inferior a -0,03.	16	13,33	35,83
Superior ou igual a -0,03, porém inferior a 0,00.	13	10,83	46,67
Superior ou igual a 0,00, porém inferior a 0,03.	38	31,67	78,33
Superior ou igual a 0,03, porém inferior a 0,06.	10	8,33	86,67
Superior ou igual a 0,06, porém inferior a 0,09.	2	1,67	88,33
Superior ou igual a 0,09 .	14	11,67	100,00
Total	120		

Fonte: Dados da pesquisa

Diante do exposto, constata-se que os resultados encontrados demonstraram indícios do uso da estratégia de evitar a divulgação de prejuízos por parte dos bancos de pequeno porte no primeiro e no segundo semestre do período de 2008 a 2015 (Figuras 1 e 2). Em um estudo a respeito do setor bancário de vários países, Shen e Chih (2005) também encontraram indícios da utilização deste tipo de gerenciamento pelos bancos brasileiros. Vale ressaltar, no entanto, que Shen e Chih (2005) aparentemente não realizaram nenhum tipo de separação entre as instituições bancárias com base em seu “tamanho” como foi feito no presente estudo, o que compromete uma comparação direta entre os resultados. Neste contexto, conclui-se que os indícios de gerenciamento de resultados para evitar a divulgação de prejuízos encontrados por Shen e Chih (2005) para os bancos brasileiros no período de 1993 a 1999 também podem ser verificados nesta pesquisa para os bancos de pequeno porte (1º quartil) no período de 2008 a 2015.

4.2 Bancos de Grande Porte

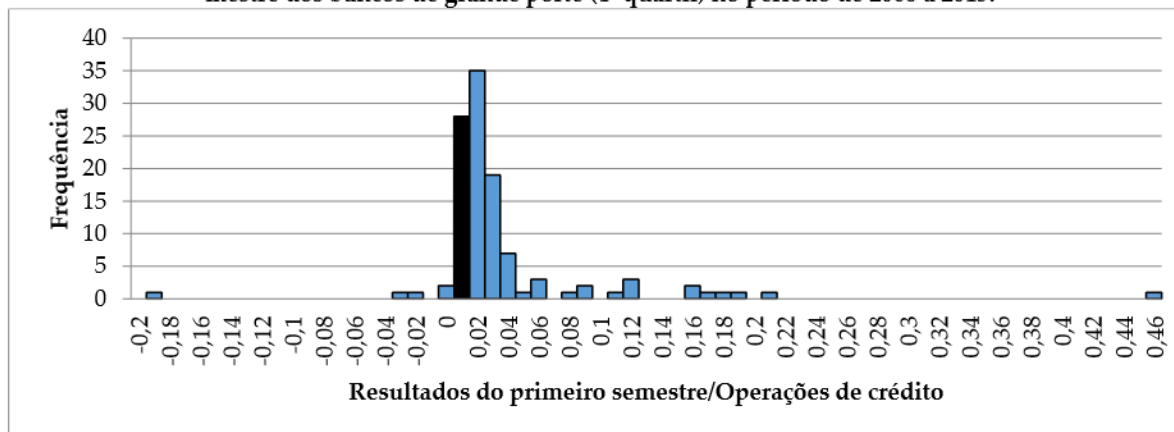
A análise dos bancos de grande porte revela que a distribuição dos resultados/operações de crédito referentes ao primeiro semestre do período analisado concentra-se significativamente nas faixas de resultados positivos (Figura 3). A primeira faixa de resultados positivos (destacada na cor preta na Figura 3), que abrange os resultados de 0,00 a 0,01, concentra 25% do total das observações. A faixa de 0,01 a 0,02 abrange 31,25% dos resultados. Logo, as duas primeiras faixas positivas concentram mais da metade do total das observações, enquanto que todas as faixas negativas conjuntamente abrangem apenas 4,46% dos resultados (Tabela 3).

Verifica-se, também, que a distribuição dos resultados do primeiro semestre dos bancos de grande porte não apresenta um formato que se assemelha à distribuição normal e que seu pico não ocorre na faixa imediatamente superior à zero. Assim, não é possível inferir que a diferença entre o número de observações positivas, porém próximas de zero, em relação às observações negativas, porém próximas de zero, é um indício de gerenciamento de resultados para evitar a divulgação de prejuízos. O comportamento do restante da distribuição não permite concluir que o número de resultados negativos próximos de zero é diferente do esperado, tendo em vista que a significativa maioria das observações refere-se a resultados positivos.

O exame do montante dos resultados auferidos pelos bancos de grande porte antes da ponderação revela que eles encontram-se nas casas dos milhões e dos bilhões de reais, sendo que parte significativa destes enquadra-se na segunda situação. O montante considerável dos resultados reduz a possibilidade de que eles tenham sido gerados a partir do gerenciamento de resultados para evitar a divulgação de prejuízos.

Soma-se a estes fatores o fato de que o valor em reais dos resultados dos bancos é menor se comparado com o valor em reais das operações de crédito. Isso explica a concentração dos resultados ponderados nas proximidades de zero, pois a métrica divide os resultados pelas operações de crédito. Essa pouca representatividade dos resultados, em termos de volume monetário, em relação ao montante de operações de crédito sugere que a discricionariedade na mensuração das operações de crédito e das perdas estimadas com crédito de liquidação duvidosa (PCLD) pode ter um impacto significativo no resultado apresentado. Mudanças nas estimativas da PCLD, por exemplo, têm o potencial de alterar consideravelmente o lucro ou o prejuízo divulgado por uma instituição financeira, podendo, até mesmo, ser utilizadas na modalidade de gerenciamento em análise para transformar um pequeno prejuízo em um pequeno lucro.

Figura 3 - Distribuição de frequência dos resultados dividido pelo volume de operações de crédito, do primeiro semestre dos bancos de grande porte (4º quartil) no período de 2008 a 2015.



Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 3 - Faixas dos resultados do primeiro semestre/operações de crédito dos bancos de grande porte (4º quartil) no período de 2008 a 2015.

Faixa dos resultados do primeiro semestre/operações de crédito	Número de observações	Percentual	Percentual acumulado
Inferior a -0,03	2	1,79	1,79
Superior ou igual a -0,03, porém inferior a -0,02.	1	0,89	2,68
Superior ou igual a -0,02, porém inferior a -0,01.	0	0,00	2,68
Superior ou igual a -0,01, porém inferior a 0,00.	2	1,79	4,46
Superior ou igual a 0,00, porém inferior a 0,01.	28	25,00	29,46
Superior ou igual a 0,01, porém inferior a 0,02.	35	31,25	60,71
Superior ou igual a 0,02, porém inferior a 0,03.	19	16,96	77,68
Superior ou igual a 0,03	25	22,32	100,00
Total	112		

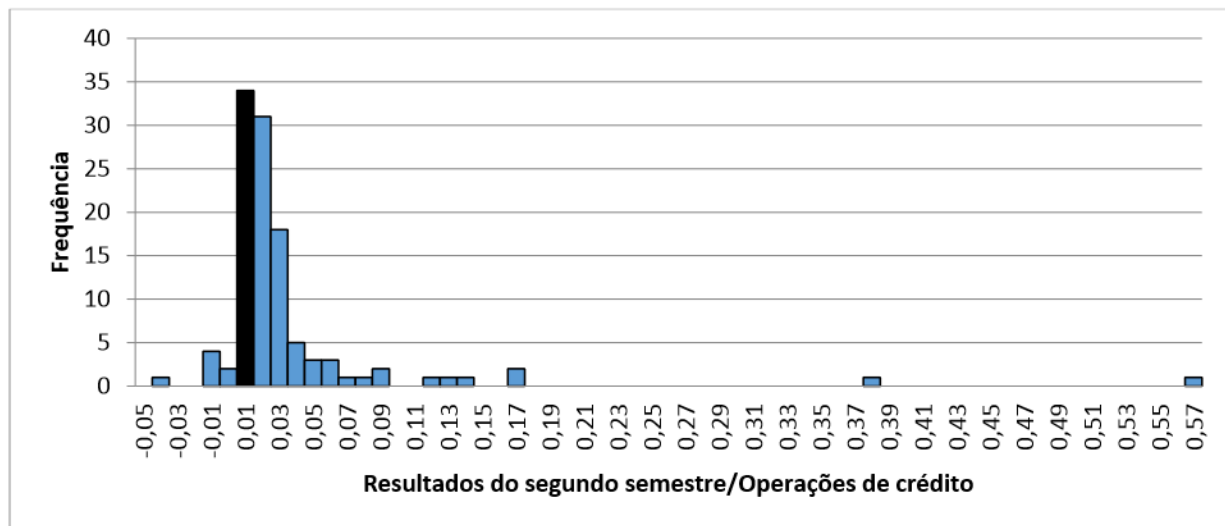
Fonte: Dados da pesquisa

Em relação aos resultados/operações de crédito do segundo semestre, observa-se, com base na Figura 4, que, novamente, a distribuição dos resultados se localiza majoritariamente nas faixas positivas. A primeira faixa de resultados acima de zero (destacada na cor preta na Figura 4), que comporta os resultados de 0,00 a 0,01, concentra 30,36% do total das observações, enquanto a faixa de 0,01 a 0,02 abrange 27,68% dos resultados. Assim como ocorreu no primeiro semestre, mais da metade das observações se localiza nas duas primeiras faixas positivas, enquanto todas as faixas negativas conjuntamente abrangem apenas 6,25% do total dos resultados (Tabela 4).

O formato da distribuição dos resultados do segundo semestre também não se assemelha a uma distribuição normal e, apesar de o pico localizar-se na menor faixa positiva, percebe-se que as outras faixas positivas próximas a ela também concentram um percentual considerável de observações, de modo que o comportamento na faixa de 0,00 a 0,01 não destoa significativamente das demais faixas a direita de zero (Figura 4). Logo, não se pode inferir com base na distribuição de frequência dos resultados que os bancos de grande porte apresentaram indícios de terem utilizado o gerenciamento de resultados para evitar a divulgação de prejuízos, uma vez que não é possível concluir que o comportamento em torno de zero foi "anormal".

Novamente, a proximidade de zero de uma parcela considerável dos resultados ponderados pode ser explicada pelo fato de os resultados dos bancos de grande porte serem pouco expressivos em comparação com suas operações de crédito utilizadas para realizar a ponderação. Entretanto, esses resultados, em termos monetários, são elevados. Em torno de 86,67% dos resultados positivos são superiores a R\$100.000.000,00, sendo que destes 35,24% encontram-se na casa dos bilhões.

Figura 4 - Distribuição de frequência dos resultados dividido pelo volume de operações de crédito, do segundo semestre dos bancos de grande porte (4º quartil) no período de 2008 a 2015.



Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 4 - Faixas dos resultados do segundo semestre/operações de crédito dos bancos de grande porte (4º quartil) no período de 2008 a 2015

Faixa dos resultados do segundo semestre/operações de crédito	Número de observações	Percentual	Percentual acumulado
Inferior a -0,03	1	0,89%	0,89%
Superior ou igual a -0,03, porém inferior a -0,02.	0	0,00%	0,89%
Superior ou igual a -0,02, porém inferior a -0,01.	4	3,57%	4,46%
Superior ou igual a -0,01, porém inferior a 0,00.	2	1,79%	6,25%
Superior ou igual a 0,00, porém inferior a 0,01.	34	30,36%	36,61%
Superior ou igual a 0,01, porém inferior a 0,02.	31	27,68%	64,29%
Superior ou igual a 0,02, porém inferior a 0,03.	18	16,07%	80,36%
Superior ou igual a 0,03 .	22	19,64%	100,00%
Total	112		

Fonte: Dados da pesquisa

Os resultados encontrados para os bancos de grande porte levaram a conclusões diferentes daquelas encontradas para os bancos de pequeno porte. Nestes, verificou-se a existência de indícios de gerenciamento de resultados para evitar a divulgação de prejuízos com base na distribuição de frequência dos resultados, enquanto naqueles tais indícios não foram encontrados, uma vez que suas distribuições de frequências em ambos os semestres do período de 2008 a 2015 apresentaram comportamento significativamente diferente daquele apontado na literatura como indício de gerenciamento.

Em suas pesquisas a respeito do uso de *accruals* específicos para o gerenciamento de resultados no setor bancário, Dantas, Galdi et al. (2013) e Dantas, Medeiros et al. (2013) observaram que os bancos de menor porte utilizaram a discricionariedade na mensuração de derivativos a valor justo e os resultados de títulos e valores mobiliários para o alisamento de resultados com maior frequência que os demais. Cornett et al. (2009) também verificaram que dentre os bancos norte-americanos o gerenciamento de resultados é mais pronunciado nas instituições menores. Assim, percebe-se que na literatura, assim como neste estudo, foram encontrados maiores indícios de gerenciamento de resultados por parte dos bancos de menor porte, embora os tipos de gerenciamento de resultados analisados tenham sido diferentes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi analisar se os bancos brasileiros de pequeno e de grande porte utilizaram o gerenciamento de resultados para evitar a divulgação de prejuízos no período de 2008 a 2015, a partir da proposição metodológica de Burgstahler e Dichev (1997). Os resultados encontrados demonstraram indícios de utilização de gerenciamento de resultados para evitar a divulgação de prejuízos nos bancos de pequeno porte em ambos os semestres do período de 2008 a 2015. Para os grandes bancos, não se detectaram indícios deste tipo de gerenciamento de resultados.

A metodologia de distribuição de frequência dos 'resultados/operações de crédito' do primeiro e do segundo semestre encontrou nos bancos de pequeno porte uma concentração de observações na primeira faixa de resultados positivos diferente da esperada, tendo em vista o comportamento do restante da distribuição. Daí a inferência de indícios de gerenciamento de resultados para evitar divulgar prejuízos nos bancos de pequeno porte. Esse resultado indica que o investidor deve ficar mais atento ao analisar os resultados de pequenos bancos, tanto no primeiro quanto no segundo semestre do ano, dado que o gerenciamento é uma estratégia de gestão permitida pelas regras contábeis. Caso o investidor se baseie apenas na figura do lucro ou na do prejuízo, sua alocação de recursos e a determinação da taxa de retorno exigida podem ficar comprometidas. Adicionalmente, neste contexto, a proposição de que a divulgação de prejuízos por parte dos pequenos bancos pode comprometer a confiança do público e a imagem de solidez financeira é uma possível justificativa para a utilização do gerenciamento de resultados para evitar a divulgação de prejuízos por parte desses bancos.

No caso dos grandes bancos, o formato da distribuição de frequência dos 'resultados/operações de crédito' de ambos os semestres foi significativamente diferente daquele referenciado na literatura como indicativo de gerenciamento de resultados para evitar a divulgação de prejuízos. Assim, não se pode inferir que existem indícios da utilização desta modalidade de gerenciamento de resultados por parte dos grandes bancos no período de 2008 a 2015.

Os resultados desta pesquisa corroboram os achados de Cornett et al. (2009), Dantas, Galdi et al. (2013) e Dantas, Medeiros et al. (2013), que também verificaram em seus trabalhos maior frequência de utilização de gerenciamento de resultados nas instituições bancárias de menor porte. Na percepção desses autores, as evidências de gerenciamento entre os bancos de grande porte seriam mais escassas, porque a adoção de melhores práticas de governança corporativa, bem como o maior monitoramento de analistas e do órgão regulador sobre os bancos de grande porte desestimulariam a prática de gerenciamento de resultados pela administração.

Os achados deste estudo contribuem para a discussão sobre gerenciamento de resultados no setor bancário, na medida em que fornecem indícios, até então escassos, a respeito da utilização ou não da estratégia de evitar a divulgação de prejuízos pelos bancos brasileiros. Fornecem aos usuários das informações contábeis um alerta sobre a percepção de risco nos bancos, em especial nos de pequeno porte, uma vez que estes podem minimizar a divulgação de prejuízos com a estratégia de gerenciamento de resultados. Por fim, pode contribuir com os órgãos reguladores quanto ao processo de monitoramento dos bancos, tendo em vista as diferenças entre o porte das instituições.

Vale ressaltar que, como toda metodologia, a análise de histogramas utilizada para verificar a existência de indícios de gerenciamento de resultados para evitar a divulgação de prejuízos apresenta limitações, tais como: sensibilidade ao tamanho da amostra e impossibilidade de extrapolar os resultados encontrados no estudo para os demais bancos que não fizeram parte da amostra. Não obstante essas limitações quanto à metodologia, é importante ressaltar que a distribuição de frequência com um comportamento "anormal" em torno de zero tem sido usualmente assumida na literatura como um indicativo da modalidade de gerenciamento analisada nesta pesquisa (Burgstahler & Dichev, 1997, Martinez, 2001, Shen & Chih, 2005, Maia et al., 2013, Bressan, Bressan & Silva,

2015, Bressan, Santos & Bressan, 2015). Além disso, segundo Martinez (2013), essa metodologia tem como grande vantagem a possibilidade de identificar o gerenciamento de resultados sem incorrer nos erros de mensuração e na incorreta especificação, por exemplo, nos modelos de *accruals* discricionários.

A título de sugestões para pesquisas futuras, recomenda-se que o escopo deste estudo seja ampliado, incluindo na análise as instituições de médio porte, para avaliar se os resultados encontrados para elas estarão mais próximo dos verificados para os bancos de pequeno ou de grande porte. Sugere-se, também, a investigação das demais modalidades de gerenciamento de resultados segundo o porte das instituições financeiras, bem como a avaliação das possíveis implicações econômicas do gerenciamento de resultados para evitar a divulgação de prejuízos.

REFERÊNCIAS

- Banco Central do Brasil. *Balancetes*. Recuperado em 30 de abril, 2016, de <http://www4.bcb.gov.br/fis/cosif/balancetes.asp>.
- Banco Central do Brasil. *Bancos e caixas econômicas*. Recuperado em 15 de setembro, 2017, de http://www.bcb.gov.br/pre/composicao/bancos_caixas.asp?idpai=SFNCOMPp.
- Banco Central do Brasil. *Dados selecionados de entidades supervisionadas - IF.data*. Recuperado em 30 de abril, 2016, de <https://www3.bcb.gov.br/informes/relatorios?lingua=pt>.
- Baptista, E. M. B. (2008). Gerenciamento de resultados e volatilidade histórica. *Revista de Contabilidade da Ufba*, 2(2), p. 29-42.
- Baptista, E. M. B. (2009). Teoria em gerenciamento de resultados. *Revista de Contabilidade da Ufba*, 3(2), p. 5-20.
- Beatty, A. L., Ke, B., & Petroni, K. R. (2002). Earnings management to avoid earnings declines across publicly and privately held banks. *The Accounting Review*, 77(3), p. 547-570.
- Bornemann, S., Kick, T., Memmel, C., & Pfingsten, A. (2012). Are banks using hidden reserves to beat earnings benchmarks? Evidence from Germany. *Journal of Banking and Finance*, 36(8), p. 2403-2415.
- Bressan, V. G. F., Bressan, A. A., & Silva, J. M. (2015). Evitar divulgar perdas: foi uma estratégia utilizada na última década pelas cooperativas de crédito filiadas ao Sicredi? *Revista de Gestão e Organizações Cooperativas*, 2(3), p. 27-42.
- Bressan, V. G. F., Santos, L. S. Z., & Bressan, A. A. (2015). Gerenciamento de resultados para evitar divulgar perdas: um estudo das cooperativas de crédito filiadas à CONFESOL. *Anais do Congresso da SOBER*, João Pessoa, PB, Brasil, 53.
- Burgstahler, D., & Dichev, I. (1997). Earnings management to avoid earnings decreases and losses. *Journal of Accounting and Economics*, 24(1), p. 99-126.
- Cardoso, R. L. (2005). *Regulação econômica e escolhas de práticas contábeis: evidências no mercado de saúde suplementar brasileiro*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Cornett, M. M., McNutt, J. J., & Tehranian, H. (2009). Corporate governance and earnings management at large U.S. bank holding companies. *Journal of Corporate Finance*, 15(4), p. 412-430.
- Cupertino, C. M., & Martinez, A. M. (2008). Qualidade da auditoria e earnings management: risk assessment através do nível dos *accruals* discricionários. *Revista Contabilidade Vista & Revista*, 19(3), p. 69-93.
- Dantas, J. A., Rodrigues, F. F., Rodrigues, J. M., & Capelletto, L. R. (2010). Determinantes do grau de evidenciação de risco de crédito pelos bancos brasileiros. *Revista Contabilidade & Finanças*, 21(52), p. 1-27.
- Dantas, J. A., Galdi, F. C., Capelletto, L. R., & Medeiros, O. R. de (2013). Discricionariedade na Mensuração de Derivativos como Mecanismo de Gerenciamento de Resultados em Bancos. *Revista Brasileira de Finanças*, 11(1), p. 17-48.

- Dantas, J. A., Medeiros, O. R. de, Galdi, F. C., & Costa, F. M. da (2013). Gerenciamento de resultados em bancos com o uso de TVM: Validação de modelo de dois estágios. *Revista Contabilidade & Finanças*, 24(61), p. 31-54.
- Dechow, P. M., & Skinner, D. J. (2000). Earnings management: reconciling the views of accounting academics, practitioners, and regulators. *Accounting Horizons*, 14(2), p. 235-250.
- Decourt, R. F., Martinewski, A. L., & Pietro, J. de, Neto. (2007). Existe Gerenciamento de Resultados nas Empresas com Ações Negociadas na BOVESPA? *Anais eletrônicos do Congresso da USP*, São Paulo, SP, Brasil, 7.
- Freedman, D., & Diaconis, P. (1981). On the histogram as a density estimator: L_2 theory. *Wahrscheinlichkeitstheorie verw Gebiete*, 57(4), p. 453-476.
- Fuji, A. H., & Carvalho, L. N. G. de (2005). Earnings management no contexto bancário brasileiro. *Anais do Congresso da USP*, São Paulo, SP, Brasil, 5.
- Galdi, F. C., & Pereira, L. M. (2007). Fair Value dos Derivativos e Gerenciamento de Resultados nos Bancos Brasileiros: Existe Manipulação? *Anais do Encontro Brasileiro de Finanças*, São Paulo, SP, Brasil, 7.
- Goulart, A. M. C. (2007). *Gerenciamento de resultados contábeis em instituições financeiras no Brasil*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Healy, P. M., & Wahlen, J. M. (1999). A review of the earnings management literature and its implications for standard setting. *Accounting Horizons*, 13(4), p. 365-383.
- Levine, D. M., Berenson, M. L., & Stephan, D. (2000). *Estatística: Teoria e Aplicações usando Microsoft Excel em português*. (T. C. P. de Souza, Trad.). Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos.
- Macedo, M. A. da S., & Kelly, V. L de A. (2016). Gerenciamento de resultados em instituições financeiras no Brasil: uma análise com base em provisões para crédito de liquidação duvidosa. *Revista Evidenciação Contábil & Finanças*, 4(2), p. 82-96.
- Maia, S. C., Bressan, V. G. F., Lamounier, W. M., & Braga, M. J. (2013). Gerenciamento de resultados em cooperativas de crédito no Brasil. *Brazilian Business Review*, 10(4), p. 96-116.
- Martinez, A. L. (2001). *“Gerenciamento” dos resultados contábeis: estudo empírico das companhias abertas brasileiras*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Martinez, A. L. (2013). Gerenciamento de resultados no Brasil: um survey da literatura. *Brazilian Business Review*, 10(4), p. 1-31.
- Paulo, E., Lima, G. A. S. F. de, & Lima, I. S. (2006). A influência dos analistas financeiros sobre o gerenciamento de resultados das companhias abertas brasileiras. *Anais eletrônicos do Congresso USP*, São Paulo, SP, Brasil, 6.
- Piccoli, P. G. R., Souza, A., & Silva, W. V. (2014). As práticas de governança corporativa diminuem o gerenciamento de resultados? Evidências a partir da aversão na divulgação de prejuízos e de queda nos lucros. *Revista Contemporânea de Contabilidade*, 11(22), p. 141-162.
- Shen, C. H., & Chih, H. L. (2005). Investor protection, prospect theory, and earnings management: an international comparison of the banking industry. *Journal of Banking & Finance*, 29(10), p. 2675-2697.
- Sincerre, B. P., Sampaio, J. O., Famá, R., & Santos, J. O. (2016). Emissão de dívidas e gerenciamento de resultados. *Revista Contabilidade & Finanças*, 27(72), p. 291-305.
- Xavier, P. H. M. (2007). *Gerenciamento de resultados por bancos comerciais no Brasil*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Zendersky, H. C. (2005). *Gerenciamento de Resultados em Instituições Financeiras no Brasil – 2000 a 2004*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.

